

VIANA DO CASTELO (São Cláudio de Nogueira)

A igreja do antigo mosteiro de São Cláudio de Nogueira situa-se na freguesia homónima, a nordeste do concelho de Viana do Castelo (Distrito de Viana do Castelo), do qual dista 14 km. Saindo por Viana do Castelo pela A27, saia na saída 1 em direção à N202/Nogueira/Portuzelo. Depois de percorrer 1,1 km continue pela EM526. Depois de percorrido 1 km encontra a igreja.

A igreja de São Cláudio de Nogueira está situada sobre uma plataforma sobranceira à estrada, em local plano, de aprazível enquadramento paisagístico. Muito embora se situe no território delimitado pelos rios Minho e Lima, a igreja está mais próxima da bacia hidrográfica do Lima, caracterizada, principalmente na sua parte norte, por alvéolos mais extensos e manchas humanas mais densas "onde a cultura castreja tem uma densidade impressionante de testemunhos de ocupação" dada a abundância de estanho e de ouro e a fertilidade do seu solo, como escreveu C. A. Ferreira de Almeida. Com a ocupação romana os núcleos multiplicaram-se em povoamento disperso mantendo-se, nas épocas sueva e visigótica, essa ocupação das melhores manchas agrícolas. A estes fatores também se deve a atração régia e das famílias nobres pelo repovoamento da região aquando da reconquista.

A escassez de documentação sobre este mosteiro, cuja data de fundação se desconhece, sabendo-se embora que integrava o couto do mosteiro de São Salvador da Torre aquando das Inquirições de 1258, é de certa forma compensada pelas epígrafes que se conservam na igreja, não obstante as dúvidas que suscitam. O mosteiro foi reduzido a igreja paroquial em 1458. Apesar de ter havido uma tentativa de retomar a sua ocupação monástica no século XVI, a verdade é que no Censual de Frei Baltazar Limpo (1551) se explicita que *foi mosteiro*, sendo então uma igreja paroquial dependente do mosteiro de São Salvador da Torre. Na determinação das taxas a pagar a D. Dinis pelos benefícios eclesiásticos do bispado de Tui situados no território de Entre-Lima-e-Minho (1320), a menção a São Cláudio engloba-o, administrativamente, na Terra de Vinha.

O território situado entre a margem esquerda do Minho e a margem direita do Lima pertenceu durante oito séculos à diocese de Tui, na sequência da organização eclesiástica da época sueva, muito embora a fronteira política com a Galiza já estivesse definida no reinado de D. Afonso Henriques. A convivência entre os dois lados da fronteira favoreceu a circulação de modelos e de artistas, bem patente nas igrejas românicas próximas de Tui, como São Salvador de Ganfei, Sanfins de Friestas (Valença) e São João de Longos Vales (Monção), ou próximas de Orense, como São Salvador de Paderne ou Santa Maria da Orada (Melgaço). Todavia, se o influxo de modelos patentes na sé de Tui e na província de Pontevedra é notório nas três primeiras igrejas mencionadas e, de forma mais difusa em outras mais distantes do Vale do Minho, como Rubiães (Paredes de Coura) ou Bravães (Ponte da Barca), São Cláudio de Nogueira não patenteia essa influência senão na escultura de alguns cachorros.

Igreja de São Cláudio

A IGREJA É COMPOSTA por cabeceira retangular e nave única, ambas cobertas por tetos de madeira, composição própria da maior parte dos exemplares românicos do Entre-Douro-e-Minho. O alçado exterior da

parede testeira da abside, construído em granito e aparelho pseudo-isódomo, como aliás toda a igreja, apresenta uma estreita fresta, sendo rematado superiormente por um friso e empena de duas águas. Os muros laterais, cada um

com uma fresta – a do lado sul foi refeita na obra de restauro (1930-40) – são coroados por cornija profunda assente sobre cachorros de secção retangular, onde a volumosa escultura se adapta à forma da peça. Na fachada norte, entre os oito exemplares, pontuam cachorros de rolos, de motivos vegetalistas, cabeças de animais, e um outro que mostra duas figuras humanas. Apesar da falta de nitidez, causada pela erosão, entrevemos uma figura mais alta e saliente que parece acolher uma figura de menor dimensão. Muito embora a identificação das imagens esculpidas nos cachorros seja assiduamente um exercício propenso a equívocas conclusões, este exemplar não deixa de lembrar a iconografia de São Cláudio. O santo é frequentemente acompanhado por uma criança que ressuscitou por sua intercessão, sendo este um dos seus milagres mais estimados. Do lado sul, os motivos dos cachorros e a forma de os esculpir são semelhantes. Destacam-se dois personagens sentados, aparentando um deles segurar sobre os ombros uma pipa ou um rolo.

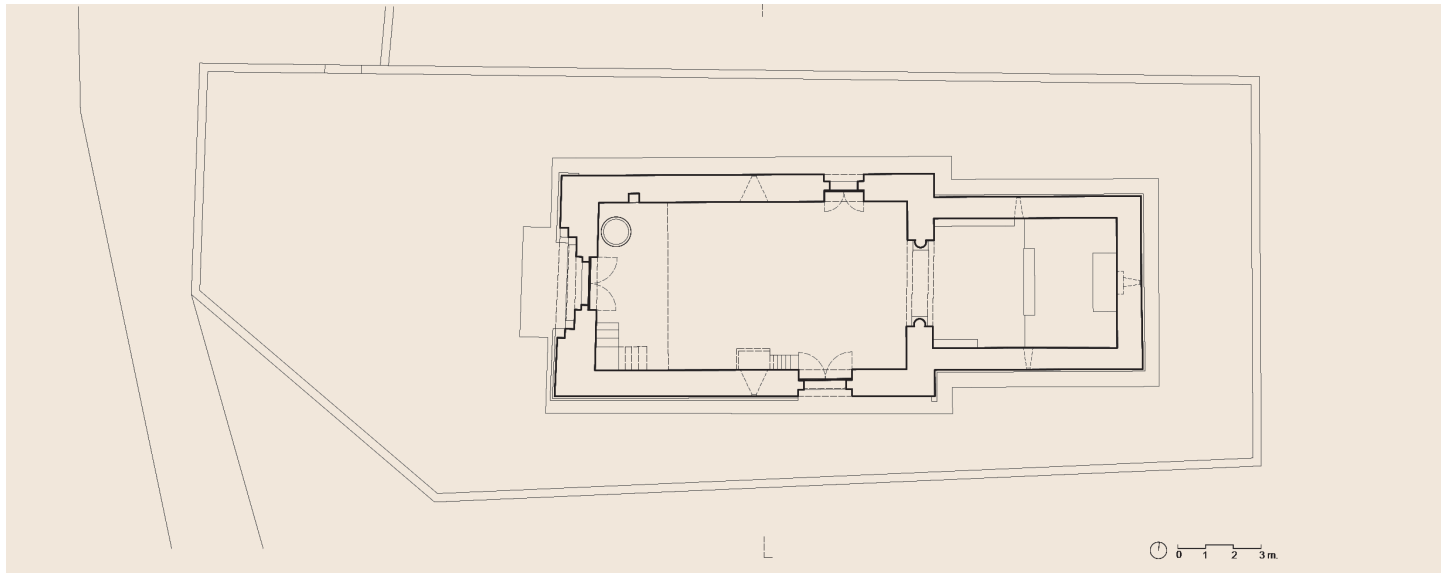
Na face exterior da parede norte conserva-se uma inscrição datada de 1084 que, segundo Mário Barroca, está gravada em silhar reaproveitado e na qual consta:

Era M C XX II

Esta epígrafe, tendo em conta a precocidade da data que apresenta, relativamente às características formais e construtivas da igreja, tem sido interpretada como um reaproveitamento de uma construção anterior. Mário Barroca considera que a forma arcaica do M reflete alguma influência moçárabe. Muito embora não se conheça qualquer documento que permita recuar uma primeira edificação ao século XI, é de referir que o mosteiro de São Salvador da Torre, que detinha o padroado de São Cláudio de Nogueira em meados do século XIII, foi fundado pelo conde Paio Bermudes depois de ter tomado a terra de Vila Mou, entre 866 e 910. O mosteiro atravessou um período de decadência sendo a vida monástica restaurada por Ordonho Eriz, descendente de Paio Bermudes, e a igreja sagrada por D. Jorge, bispo de Tui, em 1068. Na igreja de Vila Mou, refeita no século XIX, foram então encontrados capitéis atribuídos à época visigótica. Considerando a ligação entre São Cláudio de Nogueira e São Salvador da Torre é possível que tenha havido peças pré-românicas reaproveitadas na igreja de Nogueira não sendo, no entanto, de excluir a

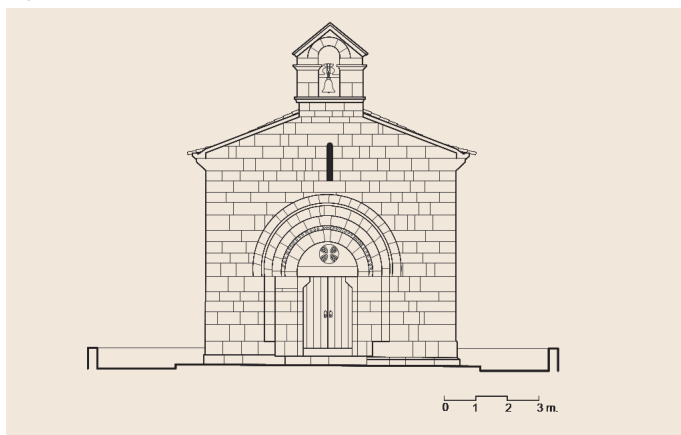


Perspetiva geral da igreja a partir de sudoeste

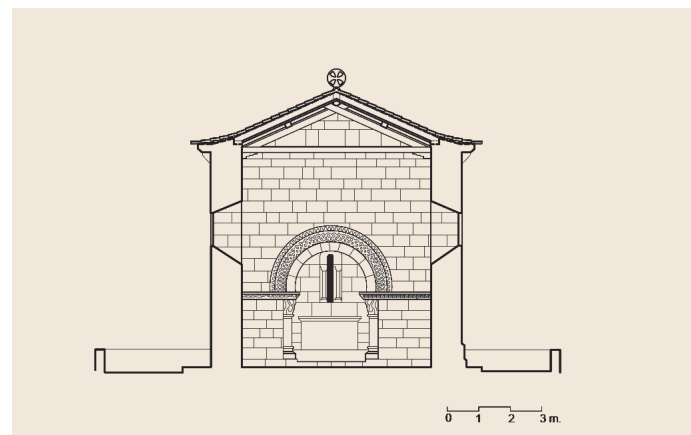


Planta

Alçado ocidental



Corte transversal



hipótese de ter havido uma igreja anterior apesar da ausência de documentação que o possa comprovar.

Numa outra epígrafe gravada em silhar embutido na face exterior do mesmo muro da cabeceira, no cunhal nordeste, cuja leitura de Mário Barroca se apresenta, consta a data de 1145.

Era M C 2 XXX / III

Esta inscrição, dado o seu laconismo, tem levantado várias questões. Segundo C. A. Ferreira de Almeida a parcela de muro na qual se localiza esta epígrafe (1145), onde a cabeceira se une à nave, é visivelmente mais antiga do que a restante abside. Apesar de o seu sentido não ser claro, já que tanto poderá referir-se a uma inscrição funerária como a uma inscrição comemorativa das obras da igreja, o facto de se encontrar numa parcela mais antiga pressupõe a existência de uma construção anterior e/ou a alteração

de parte da cabeceira. Conjugando estas informações com a análise dos muros e do arco triunfal, C. A. Ferreira de Almeida considera que parcela mais ocidental da cabeceira corresponde a uma "arte românica ainda hesitante" considerando-a um dos mais arcaicos testemunhos do românico do Alto Minho. Coloca ainda este autor a hipótese de a cabeceira ter sido ampliada no sentido leste, já na época gótica. Na verdade, a proporção entre o comprimento da abside e o comprimento da nave não é a mais comum no românico da região. A nave também terá recebido alterações na mesma época, como parecem indiciar as diversas siglas góticas e a ausência de colunas nos portais laterais, muito embora o portal norte tenha sido desentaipado e refeito nas obras de restauro do século XX.

As fachadas sul e norte da nave, nas quais se abrem portais sem colunas e de tímpanos lisos, são coroadas por cornijas menos profundas do que as da cabeceira e

*Cachorros da cabeceira**Portal oeste. Inscrição datada de 1201*

apresentam cachorros totalmente lisos. Todavia, é de referir que uma boa parte da parede norte foi demolida e recomposta na campanha de obras de restauro das décadas de 1930-40, quando foi desentaipado o porta lateral norte, como já foi referido, e reconstruído o tímpano.

O alçado da fachada principal é composto por portal sem colunas e três arquivoltas, apresentando uma decoração perlada unicamente na arquivolta interna. No tímpano gravou-se uma cruz pátea ladeada por dois animais apenas incisos. Sobre o portal abre-se uma fresta que, na campanha de obras de restauro, substituiu um óculo. Durante as mesmas obras, a sineira que coroa a empena foi feita de novo para substituir a anterior de vocabulário próprio da Época Moderna. Sob o tímpano foi então colocado um lintel liso para substituir o original que se conserva dentro da igreja. Aguiar Barreiros em publicação anterior ao restauro refere que o lintel tinha uma inscrição. Neste lintel, que apesar de fragmentado está completo, foi gravada uma inscrição comemorativa da fundação da igreja,

datada de 1183, cuja leitura da autoria de Mário Barroca se apresenta:

IN N(omin)E D(omi)NI : N(ost)RI : IH(es)V XPI MARTINVS FECIT :
HOC AB / [...] : HONORE : [ecclesia : is]T[ius : in] :
E(ra) : M CC XX I :

Uma outra inscrição gravada em cinco silhares do umbral Sul do portal axial, quando estes já integravam o umbral da porta, segundo Mário Barroca, comemora a sa-
gração da igreja pelo bispo de Tui, D. Pedro Mendes, em 3 de janeiro de 1201, conforme a leitura e interpretação do referido autor:

SUB : E(ra) : M : CC : / XXX : VIII ET / QUOD III / N(ona)S : IANUA
/ RII : PET(r)US TUD(ens)IS / EPISCOPUS CONSECR / AVIT HANC /
EC(c)L(esi)AM IN HONO / RE : Sancti CLAUDI : IN / DIEBUS [...]

No interior da igreja destaca-se o arco triunfal de perfil ligeiramente ultrapassado. O capitel do lado da Epístola apresenta motivos vegetalistas, enquanto no capitel do

*Alçado oeste**Portal sul. Pormenor*

lado do Evangelho figuram quatro animais que se afrontam nas arestas do capitel sobre as quais foram esculpidois dois personagens, de cabeça para baixo, que estão a ser engolidos pelos animais. O ábaco deste capitel é animado por um motivo vegetalista entrelaçado que remata com duas cabeças animalistas, motivo que se prolonga na imposta do arco. No outro capitel, o motivo vegetalista do ábaco, que também se prolonga na imposta correspondente, é formado por um encadeamento de palmetas. A modinatura das bases apresenta uma alta escócia.

Rematando o arco triunfal, a segunda arquivolta recebe uma decoração de folhas lanceoladas, enquanto o arco envolvente mostra motivos geométricos e vegetalistas.

O perfil ultrapassado do arco triunfal e a sua altura relativamente ao pé-direito da nave, acusam uma acentuada reserva entre a nave e a cabeceira. Esta espacialidade é mais comum nos meados do século XII do que no românico posterior, onde é patente uma tendência para que o arco triunfal seja mais alto e aberto, criando alguma continuidade entre a nave e a cabeceira. São exemplo daquela reserva acentuada as igrejas de São Salvador de Ansiães (Carrazeda de Ansiães), de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca), com parcelas do segundo quartel do século XII ou São Cristóvão de Rio Mau (Vila do Conde), datada por epígrafe de 1151. Além da espacialidade, é na base da coluna do lado do Evangelho, no capitel do lado da Epístola e no motivo de folhas lanceoladas que ambienta o arco triunfal de São Cláudio que encontramos modelos semelhantes aos de Ansiães. O motivo esculpido no arco envolvente, uma série de folhas lanceoladas, é igualmente similar ao da igreja de Ansiães, aspeto já

*Portal oeste*

notado por Paulo Almeida Fernandes e que aponta para uma datação de meados do século XII do arco triunfal da igreja transmontana.

A fresta de topo da cabeceira de São Cláudio apresenta um alçado composto por colunas e por um arco de volta



Interior. Arco triunfal (Foto DGEMN/SIPA-DGPC)

perfeita. No capitel norte pontua um motivo animalista de difícil identificação, embora tenha cauda de serpente e pareça abocanhar um personagem. Do lado sul, o capitel deriva de modelos coríntios. Nas aduelas do arco figura o motivo das *beakhead*, comum a outras igrejas do Entre-Douro-e-Minho como São Romão de Arões (Fafe) e São Salvador de Travanca (Amarante), entre outros exemplares. As impostas com enxaquetado são obra do restauro do século XX.

A clara reserva do espaço da cabeceira relativamente à nave é semelhante nos dois casos, configurando um românico com soluções próximas do século XII o que, no caso de São Cláudio Nogueira, é atestado pela epígrafe, colocada no exterior da cabeceira, com a data de 1145. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, há uma clara semelhança estilística e temática entre os capitéis e as bases do arco triunfal de Nogueira e os elementos equivalentes da igreja de Bravães. O autor considera que esta parcela da igreja de Nogueira terá sido iniciada no segundo quartel do século XII, entre-vendo na cabeceira de Bravães uma decoração geométrica cujos protótipos situa no século XI. Em ambos os casos predominam modelos e temas próprios do românico da área de Braga que tiveram uma larga expansão, como demonstra o já referido arco triunfal da igreja de Ansiães.

Apesar de algumas semelhanças entre os cachorros da cabeceira de São Cláudio e o românico de influência tudense, semelhança essa que é sobretudo patente na volumetria da escultura, os capitéis do arco triunfal, tanto pela forma cúbica do cesto como pelos motivos que recebem, em nada recordam os modelos utilizados em Ganfei, Fries-tas, Longos Vales ou mesmo Rubiães.

A igreja de São Cláudio, apesar da informação presente nas epígrafes, levanta ainda algumas questões. Se no caso da parcela noroeste da cabeceira parece não haver dúvidas quanto a uma datação no segundo quartel do século XII, já a inscrição comemorativa da fundação da igreja em 1183 e a inscrição que data a sua sagração em 1201, indiciam uma fase construtiva muito afastada no tempo relativamente à primeira. Neste sentido, podemos concluir que houve duas fases ou mesmo duas fundações: a primeira de meados do século XII e a segunda do final do século. A epígrafe de 1183 deverá referir-se a uma segunda fundação correspondente à nave da igreja sagrada em 1201. Todavia, o portal axial parece posterior a esta data já que a ausência de colunas e de arquivoltas com escultura é mais comum no século XIII já avançado. Muito embora a inscrição da sagração esteja na jamba do portal, o que parece indiciar não existir espaço para colunas num portal anterior, parece-nos ter havido uma recomposição do portal, provavelmente na época gótica, quando a cabeceira e a nave receberam alterações. Esta é unicamente uma hipótese sobre um templo que, apesar da simplicidade das suas soluções, não deixa de se apresentar como um exemplo da dificuldade em estabelecer cronologias, dificuldade essa muito presente na historiografia do românico português.

Texto: LCR - Fotos: MF/MS/SVS
Planos: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986a, pp. 40 e 60-61; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, pp. 69-70; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 92; BARREIROS, M.A., 1926, p. 40; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 37 (de 1084), Insc. n.º 84 (de 1145), Insc. n.º 172 (de 1183), Insc. n.º 252 (de 1201, janeiro, 3); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 43 (de 1084), Insc. n.º 100 (de 1145), Insc. n.º 195 (de 1183); COSTA, A.J., 1983, pp. 92, 111-113, 168 e 228; FERNANDES, P.A., 2001, pp. 48-49.